

## REFLEXÕES SOBRE OS RUMOS E DESAFIOS DA ESCRITA: DA TEORIA À PRÁTICA O PROCESSO DE MUDANÇAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM SANTA CATARINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Luiz Antonio Zancanaro Junior<sup>1</sup>

Daniela Bielecki<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aborda a questão da mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Para isso, foi feita uma divisão com os seguintes subtítulos: o surgimento da Libras no século XVII; definição e descrição dos dicionários da Língua de Sinais; e análise comparativa dos lexicais de sinais. O artigo tem por finalidade desenvolver uma comparação lexical entre os sinais antigos e os novos, analisando dois dicionários: Iconografia dos Sinais, criado pelo estudante do INES, Flausino José da Gama, em 1873, e o dicionário de Libras da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), desenvolvido por acadêmicos do curso de Pedagogia para surdos, em 2002. Nesse sentido, levar-se-ão em conta as formas dos sinais, classificando-os em três categorias: mudança fonológica, mudanças lexicais e lexicais idênticas. Por meio dessa análise comparativa, poderá ser descrito o processo de mudança na Libras, observando a influência na comunidade surda no longo do tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Libras; dicionário; mudança fonológica e lexical.

**ABSTRACT:** This paper addresses the issue of lexical change in Brazilian Sign Language - Libras. Reason, we made a division with the following headings: the emergence of Libras in the seventeenth century, dictionary's definition and description of sign language, comparative analysis of lexical signs. The article aims to develop a lexical comparison between old and new signs, analyzing two dictionaries: Iconography of Signs, created by the student from INES, Flausino José da Gama, in 1873, and the Libras dictionary of the University of the State of Santa Catarina (UDESC), developed by scholars of the University of Education for the Deaf in 2002. In this sense, they will take into account the forms of signs, classifying them into three categories: phonological change, lexical change and identical lexical. Through this comparative analysis, can be described the process of change in Libras, noting the influence in the deaf community over time.

**KEYWORDS:** Libras; dictionary; lexical and phonological change.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências da Computação pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrando em Linguística Aplicada na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: zancanaro@univali.br

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Tradutora e intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa certificada pelo Ministério da Educação.

## 1. Introdução

A comunidade surda brasileira conseguiu que o Poder Legislativo aprovasse a Lei nº 10.436, de 2002, Lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, além de garantir aos alunos surdos, regularmente matriculados em escolas públicas ou privadas, a presença do profissional intérprete para mediar a comunicação. Ressaltando que esta Lei foi regulamentada pelo Decreto 5.626, de 2005.

Assim, considerando a recente legalização dessa língua e, por consequência, a escassez em estudos linguísticos relacionados a ela, o presente trabalho vem resgatar uma parte da história da Língua de Sinais no Brasil, buscando documentos originais, a fim de verificar as mudanças que aconteceram na Língua Brasileira de Sinais, comparando as diferenças fonológicas e lexicais ao longo do tempo.

Nesse contexto, Saussure (2006) estabelece quatro dicotomias, que são: 1. Língua e fala; 2. Significante e significado; 3. Sincronia e diacronia; 4. Paradigma e sintagma. Portanto, o objetivo deste trabalho é tanger a área da sincronia e da diacronia que, por sua vez, apresenta dois eixos: o eixo do estado, ou seja, o sincrônico, estudado pela Linguística Moderna; e o eixo das evoluções, ou diacrônico, que considera uma Linguística Histórica, a forma como o estudo das línguas era, tradicionalmente, realizado no século XIX, comparando, assim, como ocorreu ao longo do tempo.

As Línguas de Sinais foram sistematizadas para estudos há menos de um século. Comparando-se aos estudos tradicionalmente feitos das línguas de modo geral, é um tempo bastante reduzido. Isso pode acontecer porque, nas Línguas de Sinais, ainda não existe um padrão de descrição fonológica, morfológica e sintática, ficando os pesquisadores dependentes, muitas vezes, do entendimento dos falantes nativos em relação a sua língua e que, por vezes, não apresentam uma visão linguística dela. Isso dificulta a pesquisa científica (QUADROS; PIZZIO, 2008).

Ademais, há dificuldades de se encontrar documentos na área da Linguística, tendo em vista que faltam pesquisas sobre o assunto, principalmente quando se trata do processo de mudança e variação linguística.

Segundo Felipe (2004), a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é uma língua natural da comunidade surda brasileira, estando, dessa forma, inserida nas culturas, bem como nas políticas linguísticas e sociais brasileiras. Diz-se que a Língua de Sinais é de modalidade visual-gestual, isso porque é um meio de comunicação produzido por meio das configurações de mãos, movimento, locação, além das expressões facial e corporal, ou seja, as informações linguísticas são percebidas pela visão. Eis a diferença da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva, por utilizar, como meio de comunicação, os sons articulados que são percebidos pela audição. No entanto, as diferenças não estão somente na utilização

de canais diferentes, estão também na estrutura gramatical de cada língua, além disso, o Brasil utiliza a Língua Portuguesa como língua oficial e a Libras como aquela a ser utilizada, de forma também oficial, pela comunidade surda brasileira.

Nessa perspectiva, Diniz (2011) explora em sua dissertação de Mestrado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) a história da LIBRAS. Em seu trabalho – *A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras* –, a autora utilizou como fonte de pesquisa três dicionários: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875); *Linguagem das Mãos* (1969); e *Dicionário Digital da Libras*, do INES (2006). Ao longo do trabalho, ela traça uma linha comparativa dos três textos, dividindo-os em três categorias: sinais idênticos, sinais em mudança fonológica e sinais em mudança lexical com mesmo significado.

Assim, o presente trabalho pretende desenvolver uma análise lexical comparativa entre os sinais antigos e os novos, visando à descrição e à análise da iconografia dos sinais criados no *Dicionário do Estudante* do INES - Instituto Nacional Educação de Surdos - no Rio de Janeiro<sup>3</sup>, e o *Dicionário de Libras* atual, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), criado pelos acadêmicos de Pedagogia à Distância para Surdos, com Habilitação nas Séries Iniciais e Educação Infantil, em 2002.

De acordo Diniz, (2011), a história da Libras foi uma fonte, primeiramente, dos dicionários, porém não podemos dizer que os lexicais de sinais foram documentados nos dicionários antigos de fato utilizados pelos surdos do século XIX e da metade do século XX, em virtude de os dicionários revelarem uma influência forte do Português, ou seja, havia desconhecimento de como a Libras funcionava, em consequência da falta de cuidado no tratamento desses dicionários.

A importância desta pesquisa está no resgate da história da Língua de Sinais, já que o acervo sobre esse assunto é precário e os documentos mais antigos, que datam do século XIX, apresentam poucos registros com relação à sua estrutura linguística. Assim sendo, materiais que abordam as mudanças lexicais são escassos, ou seja, esta pesquisa virá a contribuir sobremaneira em futuras pesquisas que se preocupem em investigar assuntos e documentos originais relacionados à estrutura e à variação linguística na Língua Brasileira de Sinais.

Observa-se que nos dois estados brasileiros, nos quais se originaram os dicionários pesquisados, existem itens lexicais diferentes, ou seja, existem variações. Por isso, faz-se necessário desenvolver um método comparativo levando em conta as formas dos sinais, classificando-os em três categorias: lexicais idênticas; mudanças lexicais; lexicais que sofrem com mudança fonológica, mas com mesmo significado. O resultado da análise comparativa dos sinais dos dicionários descreverá como vem acontecendo o processo de mudança na

---

<sup>3</sup> Primeiro dicionário no Brasil, de 1875, criado por Flausino José da Gama, denominado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*.

Libras, observando a influência disso na comunidade catarinense de forma isolada, dando conta dos itens lexicais diferentes, favorecendo, assim, melhor entendimento sobre o processo de mudança diacrônica da Libras.

Nessa perspectiva, o presente artigo assenta-se em uma revisão bibliográfica com quatro eixos: o surgimento da Libras no século XVIII; definição e descrição dos dicionários de Língua de Sinais; análise comparativa dos lexicais de sinais; e considerações finais.

## 2. O surgimento da Libras no século XVIII

Esta seção investiga os documentos originais: livros, artigos publicados, entre outros documentos, para, assim, descrever de forma breve a história da Libras, dando maior relevância aos acontecimentos relacionados à educação de surdos, considerando, também, os momentos social e político no entorno desses acontecimentos.

Conforme Campello (2011), os documentos registram a Língua de Sinais Brasileira, como “a viagem” da Língua de Sinais Francesa até o Brasil. Historicamente, essa viagem teve início no ano de 1855, com o Ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys, e o embaixador de França no Brasil, Monsieur Saint George, que estiveram na corte do Rio de Janeiro, onde apresentaram o Conde e professor surdo D. E. Huet<sup>4</sup>, ex-diretor do Instituto de Bourges, ao então Imperador Dom Pedro II<sup>5</sup>. O Imperador concedeu-lhe todas as honrarias, além de oferecer salário e hospedagem, a fim de incentivá-lo a criar um educandário destinado ao ensino de surdos-mudos<sup>6</sup>, já que, naquele momento, a criação de políticas públicas relacionadas à educação de deficientes era uma tendência mundial, criando-se, dessa maneira, escolas de ensino, bem como residenciais, para abrigar deficientes que eram considerados mental e fisicamente incapazes de realizar qualquer atividade.

Como se nota, a Língua de Sinais chegou ao Brasil por meio de uma parceria feita entre o Imperador D. Pedro II, que estava preocupado em atender os educandos surdos no país, e o professor surdo francês E. Huet, que desembarcou no Brasil, na capital do Rio de Janeiro, em 1857, onde fundou a primeira escola, chamada de Instituto Nacional de Educação

---

<sup>4</sup> Há muita controvérsia em torno do seu nome. Inicialmente, foi registrado, na “Revista Espaço” do INES, como E. Huet. Mas, nos outros documentos pesquisados por mim, assinavam como D. E. Huet, sem complementar ou acrescentar nada ao nome. Recentemente, por meio de pesquisa do dirigente da FENEIS e da publicação da Revista desta Federação, confirmou-se o nome completo como sendo Edward Huet. Há pouco tempo, o grupo de Sinais Mexicano anexou a cópia do *email* da bisneta que confirmou o nome dele como D. Edward Huet M.

<sup>5</sup> Reis (1992) relata que o professor Geraldo Cavalcanti de Albuquerque, discípulo do professor João Brasil Silva, diretor do INSM – Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos, em 1907, informou-lhe, em entrevista, que o interesse do imperador D. Pedro II em educação de surdos viria do fato de ser a princesa Isabel mãe de um filho surdo e casada com o Conde D’Eu, parcialmente surdo. Com ou sem comprovação histórica, é difícil transpor a história da criação e do interesse de Dom Pedro II em abrir a escola de surdos. <sup>6</sup> Relatório do D. E. Huet aos membros da Comissão Diretora, em abril de 1856, no Instituto de Surdos Mudos.

de Surdo-Mudo, hoje denominada INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Os surdos vinham de diversos estados do Brasil, com a finalidade de conseguirem recuperar a comunicação expressiva dos sentimentos e conviverem com outros surdos. A Língua de Sinais utilizada nessa escola era a francesa. O professor E. Huet trouxe o alfabeto manual e alguns sinais, que foram se desenvolvendo e sofrendo algumas modificações, até chegar a Língua de Sinais Brasileira (CAMPELLO, 2007).

Tratando, mais pontualmente, de Santa Catarina, Schimitt (2008), que pesquisou, em sua dissertação de Mestrado, a trajetória dos surdos e da educação de surdos no Estado, afirma que os registros sobre o tema são escassos. Apenas dispõe-se de relatos de pessoas surdas, como a entrevista com Francisco Lima Júnior (apelidado de Chiquito). Em sua entrevista, ele narra a vida do fundador da primeira Associação de Surdos e da primeira Escola de Surdos. Esse catarinense estudou no INES e no Instituto Paulista de Surdos, entre 1937 e 1946. Em 1964, retornou a Santa Catarina e formou a primeira turma de surdos catarinenses. As aulas aconteciam na garagem da casa de seu pai, sendo, portanto, o primeiro educador surdo do Estado.

### 3. Definição e descrição de dicionários de Língua de Sinais

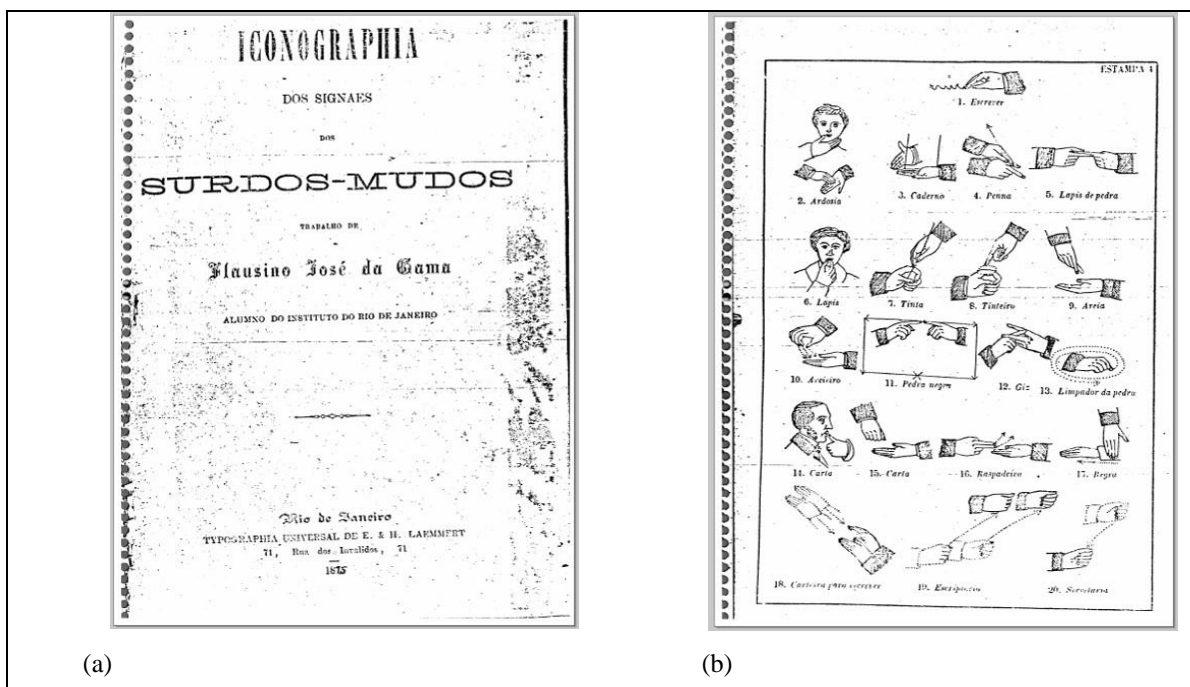
O Brasil mostra muitos avanços nos novos dicionários de Libras, isso porque as pessoas ouvintes vêm demonstrando interesse em aprender e ampliar seu vocabulário de sinais. E, para isso, o dicionário é fonte importante, pois procura-se pela palavra e encontra-se o sinal.

Este tópico faz uma comparação entre os dois dicionários em foco na pesquisa: *Iconographia dos Signaes* e *Dicionário Digital* da UDESC.

#### 3.1 *Iconographia dos Signaes*

*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* foi escrito, em francês, pelo ex-aluno do INES Flausino José da Gama, em 1875. Na **Figura 1**, pode-se observar a capa e um pequeno vocabulário. Considerando esse dicionário, Diniz (2011) afirma que “é uma cópia idêntica da mesma exposta na Biblioteca e Acervo do INES, enquanto a original está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”.

O prefácio do dicionário foi escrito pelo ex-diretor do instituto, Tobias Leite, que considerava Gama um aluno surdo-mudo educado e hábil desenhista. Leite, percebendo o interesse de Gama na obra do ilustre surdo-mudo Pellisier, professor do Instituto de Paris, assim como o seu desejo de reproduzir os vocabulários de sinais brasileiros, convida Eduard Rensburg, perito em desenho litográfico, para oferecer uma oficina com a finalidade de ensinar Gama para, então, reproduzir *Iconographia dos Signaes*.



**Figura 1.** *Iconographia dos Signaes*: (a) capa; (b) vocabulário

Campello (2011) afirma que a base da Língua Brasileira de Sinais é a francesa, visto que os sinais foram todos reproduzidos e copiados do vocabulário francês - a única modificação é a tradução para a Língua Portuguesa.

Na **Figura 1**, à direita, observam-se 17 categorias: “Alimentos e Objetos da Mesa”; “Bebidas e Objetos para Escrever”; “Objetos de Aula”; “Individualidade e Profissões”; “Animais”; “Pássaros”; “Peixes e Insetos”; “Adjetos e Qualidade Morais”; “Pronomes e os três Tempos Absolutos do Indicativo”; “Verbos”; “Advérbios”; “Preposições e Conjunções”; e “Interjeições e Interrogações”. Ressaltando que essas categorias não seguem ordem alfabética, mas sim ordem em números cardinais, que associa a palavra ao desenho do sinal. Além disso, não há páginas numeradas, apenas diz-se que há um total de 41 folhas, com 382 sinais. Apresentam-se capa; prefácio; dactylogia (alfabeto manual); e estampa (vocabulário).

### 3.2 Dicionário Digital da UDESC

O Dicionário de Libras da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foi criado pelos acadêmicos de Pedagogia à Distância para Surdos, com Habilitação nas Séries Iniciais e Educação Infantil, em 2002.



Matuzawa *et al.* (2003) refere-se a esse curso como sendo o primeiro para surdos. O processo seletivo favoreceu a entrada de 37 surdos, vindos de várias cidades de Santa Catarina, e 8 ouvintes ligados a surdos, para, assim, começarem um novo momento de formação. Houve a contratação, pela UDESC, de três tutoras (duas bilíngues) e um intérprete de Língua de Sinais, para atuarem em sala de aula. O grande grupo foi dividido em três subgrupos, para que o trabalho fosse desenvolvido com mais qualidade e para que todos os alunos pudessem ser auxiliados nas atividades desenvolvidas. Dessa maneira, os encontros continuaram acontecendo semanalmente, aos sábados, com carga horária de sete horas.

Para a confecção desse dicionário, alguns surdos foram filmados fazendo os sinais. Ele está em ordem alfabética, tem aproximadamente 2.400 sinais e está disponível, atualmente, no *site* <http://sistemas.virtual.udesc.br/surdos/dicionario/>, conforme **Figura 2**. Nele o usuário escolhe uma letra, em seguida abrirá uma *combo-box*<sup>6</sup> mostrando as palavras que iniciam com essa letra, seleciona-se uma palavra e um vídeo é exibido com o clique no *play*.



**Figura 2.** Dicionário Digital da UDESC

#### 4. A análise comparativa dos lexicais de sinais

Observa-se que nos estados brasileiros existem itens lexicais diferentes, ou seja, existem variações. Por isso, faz-se necessário desenvolver um método comparativo, levando em conta as formas dos sinais. O resultado dessa análise comparativa descreverá como vem

<sup>6</sup> Combo-box é uma interface de usuário que traz uma lista de opção associada a um texto. O nome se refere ao formato (box) de caixa e à combinação (combo) de lista mais texto, que é apresentado nesse tipo de interface. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/combo-box>.

acontecendo o processo de mudança na Libras, observando a influência disso na comunidade surda catarinense, dando conta dos itens lexicais diferentes.

A ideia de que a mudança que afeta o léxico pode se difundir, gradualmente, tem sido vista nas mudanças sonoras (LABOV, 1994) e nos traços formais do léxico substantivo. Todavia, a Língua de Sinais não utiliza o som das palavras, portanto, explora as mãos no processo de mudança fonológica.

Conforme Taub (2001), quem primeiro descreveu a estrutura dos sinais de forma popular foi Stokoe (1960), considerado, assim, o pai da Língua de Sinais. No modelo de Stokoe, os sinais são combinações simultâneas de organização dos elementos das línguas de sinais: a configuração da mão, locação (lugar no corpo ou no espaço onde o sinal é feito) e movimento. Mais tarde, outros teóricos, com novas pesquisas, acrescentaram os parâmetros de orientação (a direção da palma da mão - "pontos"), bem como expressões faciais e corporais (denominadas sinais não manuais).

Como citado acima, o método de análise estabelecido foi o comparativo e, para isso, estabeleceram-se três categorias: mudança fonológica; lexicais idênticos; e mudanças lexicais. A comparação será feita por meio de tabelas, mostrando a ilustração dos sinais de ambos os dicionários: *Iconographia dos Signaes* e *Dicionário Digital* da UDESC - o primeiro possui gravuras que são facilmente visualizadas e com possibilidade de impressão; já o segundo, por ser digital, apresenta-se em vídeo, o que torna mais difícil a visualização, assim sendo, faz-se necessário fazer algumas adaptações nas imagens.

#### 4.1 Mudança fonológica

Essa categoria aborda a mudança fonológica, observando os traços linguísticos (parâmetros fonológicos): configuração de mão (CM); movimento (M); e locação (L). Seguem abaixo exemplos de dois itens lexicais dos dois dicionários:

##### 1. Mudança pela CM:

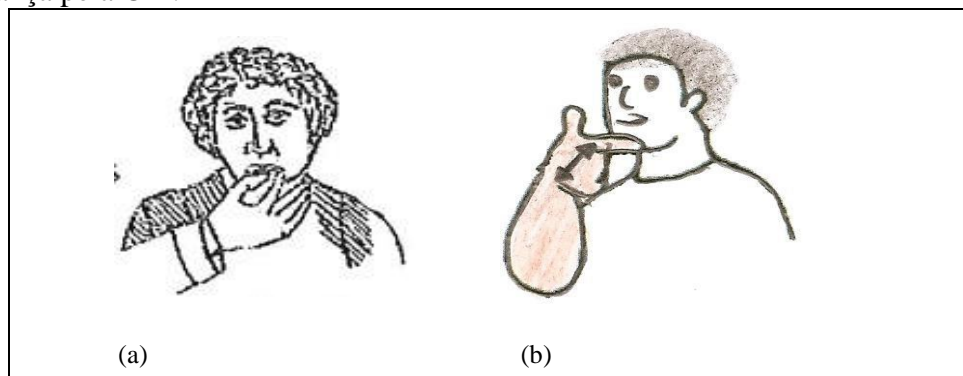
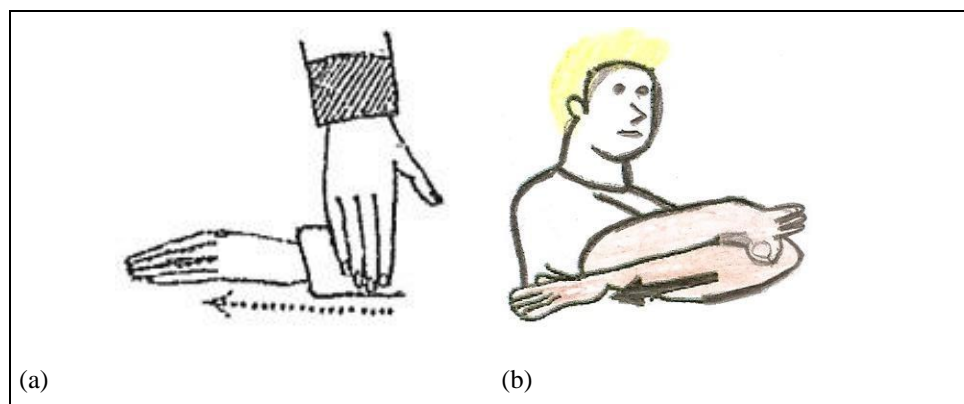


Figura 3. QUEIJO: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC



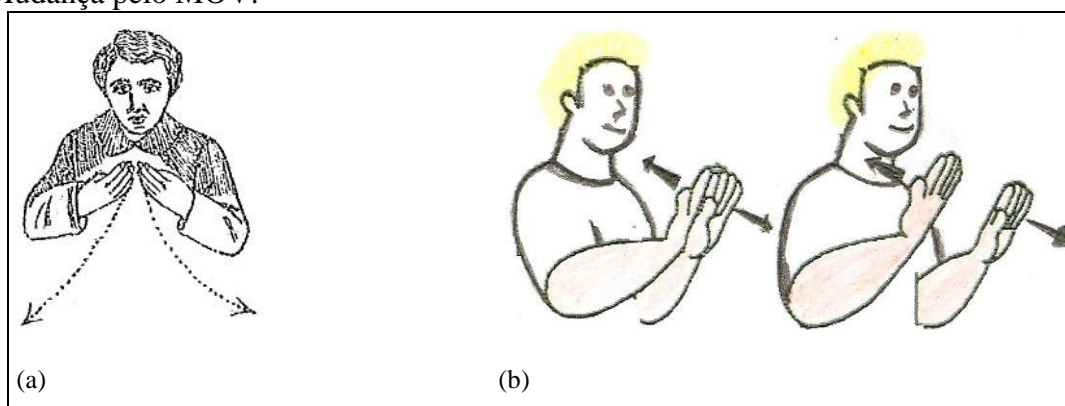
A **Figura 3** exibe a mudança da forma do sinal QUEIJO, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar, a figura descreve: à direita (UDESC), mão direita em CM “L” horizontal, palma para dentro, indicador apontado para a esquerda embaixo do queixo. Movê-la em um arco para dentro e para baixo, passando a palma do indicador na ponta do queixo, duas vezes, à esquerda (*Iconographia*), com a configuração de mão alterada. Nessa perspectiva, a CM dessa forma de sinal teve mudança gradual.



**Figura 4.** RÉGUA: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

A **Figura 4** exibe o parâmetro configuração da mão: o braço horizontal dobrado é o mesmo em ambas as figuras, o que muda é a configuração da mão - *Iconographia* ilustra a mão palma para baixo, enquanto a UDESC ilustra dedos apontados para baixo; o movimento da mão é o mesmo.

## 2. Mudança pelo MOV:



**Figura 5.** AFASTAR: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

A **Figura 5** exibe o parâmetro movimento. Na UDESC, observa-se a mão direita vertical, aberta, palma para frente; mão esquerda vertical, aberta, palma para trás, dorso

direito tocando o dorso da mão esquerda; mover a mão esquerda para trás e a mão direita para esquerda. Na *Iconographia*, a configuração das mãos é a mesma, todavia o movimento é diferente.

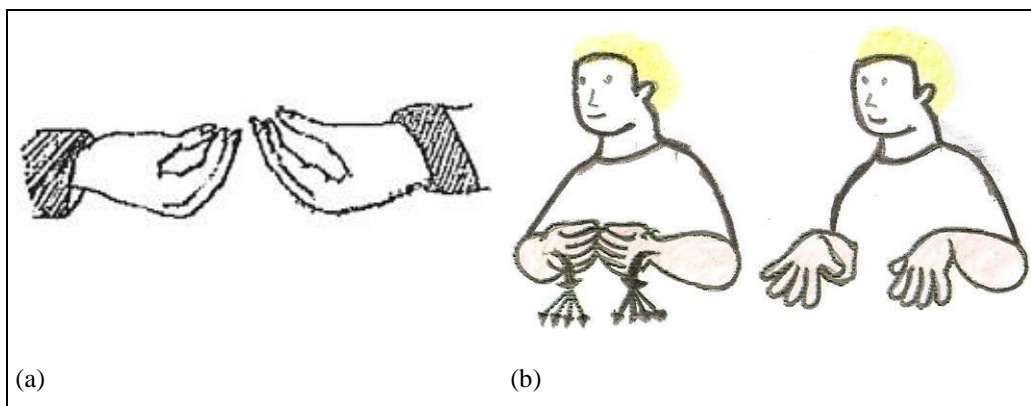


Figura 6. OVO: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

A **Figura 6** exibe o parâmetro movimento: as mãos em “O”, horizontal, palma a palma. Em ambos os sinais, a configuração é a mesma, somente se altera o movimento.

Mudança pela LOC:

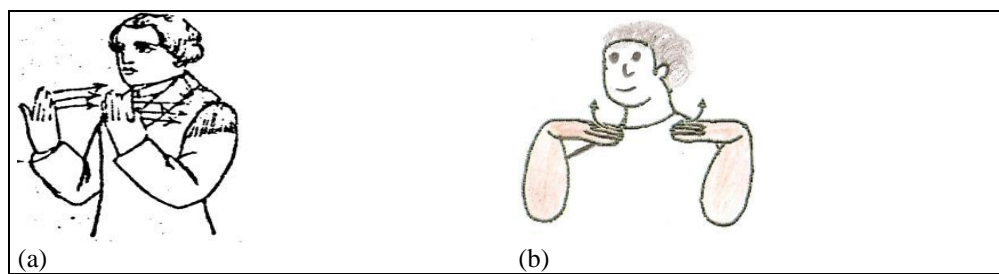
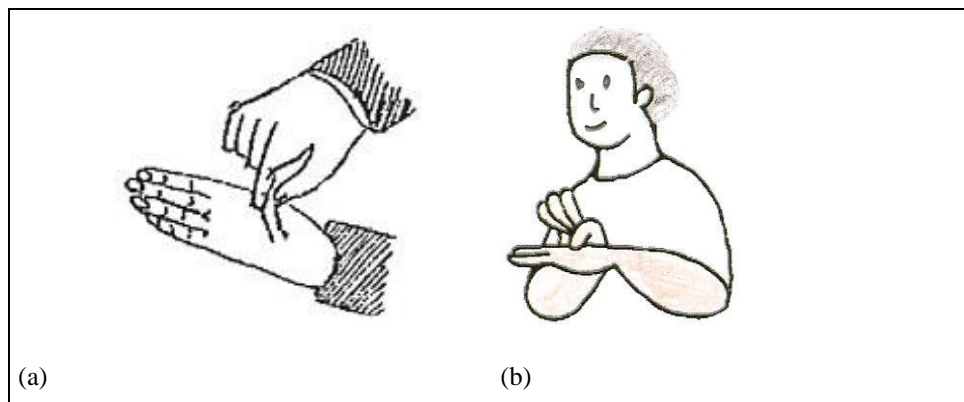


Figura 7. CALOR: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

Já na **Figura 7**, nota-se o parâmetro locação (UDESC), no qual as mãos horizontais abertas, palmas para baixo, dedos apontados uns para os outros, tocando os ombros; mover ligeiramente as mãos para cima e para os lados duas vezes; deve-se tocar nos ombros para não confundir com o sinal de “CALOR”.

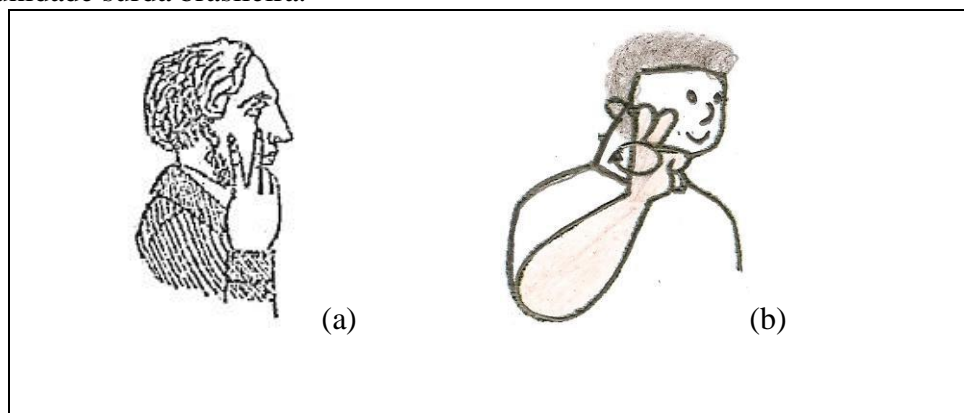


**Figura 8.** CARNE: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

Percebe-se na **Figura 8** que os dois sinais produzidos têm o parâmetro locação diferente, ou seja, esses sinais passaram por um processo de mudança locativa, mantendo a mesma CM nos dois dicionários.

#### 4.2 Lexicais idênticas

A segunda categoria, de lexicais idênticos, foi fácil de encontrar, uma vez que os dois dicionários são de diferentes épocas, assim, pode-se comparar os itens lexicais antigos e os novos, ambos com mesmo significado, porém utilizados em momentos bem distintos dentro da comunidade surda brasileira.

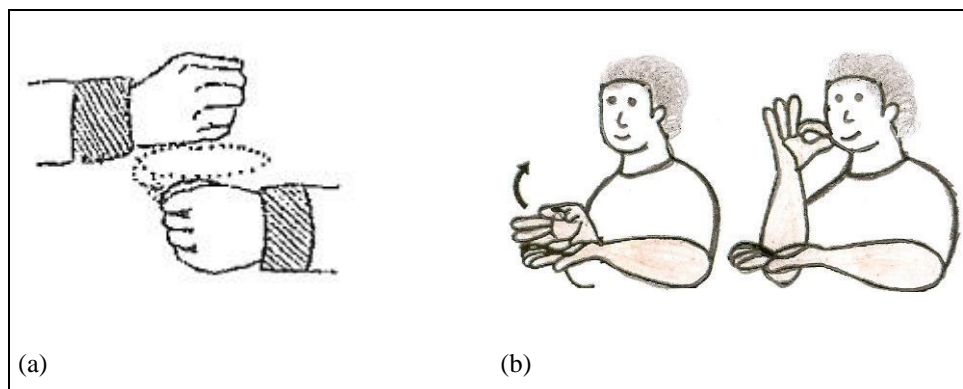


**Figura 9.** VINHO: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

Na **Figura 9**, veem-se dois lexicais idênticos, descrevendo a mão direita em CM “Y”, palma para a esquerda, pontas dos dedos tocando a bochecha direita. Movê-la em um círculo vertical sobre a bochecha, várias vezes.

### 4.3 Mudanças lexicais

A última categoria, aqui exposta, é a mudança lexical com mesmo significado, pois alguns vocabulários do dicionário antigo não são mais utilizados. Esta categoria também é facilmente notada, devido ao momento histórico.



**Figura 10.** CAFÉ: (a) *Iconographia de Signaes*; (b) UDESC

Essa **Figura 10** exhibe os lexicais alterados - na *Iconographia*, as mãos permanecem fechadas na horizontal, palma a palma, a mão esquerda está parada e a mão direita move-se em círculos, parecidos com o sinal de cozinhar. Já na UDESC, uma das mãos aberta na horizontal, com a outra mão, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, que se movem ligeiramente em direção à boca, inclinado os dedos para cima, como se estivesse realmente tomando uma xícara de café.

Observando-se os dois dicionários, tanto de 1875 como 2002, percebe-se que as mudanças dos sinais são bastante significativas, ou seja, atualmente usam-se poucos sinais idênticos aos de 1875. O fato de a língua ter passado por mudanças ao longo do tempo é percebido de diversas formas. De acordo com Faraco (2005), a mudança acontece em qualquer língua, num processo lento e gradual, por isso, os usuários da língua não percebem as alterações nela ocorridas. Quando se trata da comunidade surda, pode-se dizer que existe diferença entre os sinais utilizados pelos jovens e pelos idosos. Nessa perspectiva, algumas situações permitem que se perceba a mudança lexical.

Conforme Lucchesi (2009), a razão principal para olhar a mudança como gradual centra-se nos próprios estudos de mudança, que traçam uma evolução temporal de competição entre formas conservadoras e inovadoras. O mesmo autor cita outra razão importante que é o fato de a mudança linguística não ser um evento histórico com data marcada, já que acontece de modo temporalmente difuso. Entretanto, existem razões conceituais, como a catastrófica, a abrupta, mesmo quando se leva em conta não só fatores gramaticais, mas também os sociolinguísticos.

## 5. Considerações finais

Pesquisaram-se, neste artigo, documentos originais (*Dicionário Digital* da UDESC e *Iconographia dos Signaes*), para assim analisar e descrever o processo de mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais. A percepção mais relevante foi a de que os sinais mudam, mas o significado permanece o mesmo. Por isso, faz-se necessária a classificação das mudanças lexicais, lexicais idênticas e mudanças fonológicas, já que são importantes para se verificar como ocorre o processo de mudança ao longo do tempo na Língua de Sinais, assim como em outras línguas humanas.

Assim, a pesquisa revela a importância do desenvolvimento sócio-histórico dos estudos linguísticos de uma língua. Nesse sentido, podem-se observar dois tipos de fatores de mudança linguística: fatores externos, que dizem respeito à evolução da língua, contextos sociais e relação com a comunidade; e internos, que investigam a evolução dos processos gramaticais na fonologia.

Houve uma grande dificuldade na realização desta pesquisa, relacionada aos dicionários em foco, tendo em vista que o *Iconographia de Signaes* não favorece uma boa visualização dos movimentos em seus desenhos e o Dicionário da UDESC é virtual e com vídeos, dificultando a estampa dos sinais.

Atualmente, pesquisas na área em foco neste artigo são escassas, todavia, acredita-se que isso vai aumentando gradualmente, visto que os surdos brasileiros têm muito interesse em saber mais sobre a variação e a mudança linguística. Nesse sentido, propõe-se que sejam estimuladas pesquisas nessa área, a fim de que se apresentem novas relações com os elementos linguísticos, bem como com a sociolinguística variacionista, que influencia mudanças linguísticas dos sinais na comunidade surda. Ademais, os processos de ensino e de aprendizagem devem ganhar a devida importância, pois é somente desse modo que novos trabalhos surgirão, contribuindo para a formação de futuros professores nas universidades, oportunizando cada vez mais novas pesquisas.

## 6. Referências bibliográficas

BRASIL, **Decreto nº 5.625**, de 25 de dezembro de 2005. Dispõe sobre Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 02 nov. 2001.

BRASIL, **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 02 nov. 2011.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Olhar Cultural dos Surdos na Educação Através das Narrativas**. Programa de Pós-Graduação de Educação – Educação Inclusiva. Universidade



Federal de Santa Catarina. 2007. Disponível em: <HTTP://<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Ana%20Regina%20Campello.pdf>> . Acesso em: 09 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**. José Bonifácio, SP, V.2, julho de 2011, pp. \_\_\_\_.

DINIZ, Heloise Gripp. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FELIPE, Tanya A.; Myrna S. M. **Libras em Contexto**. Curso Básico: Livro do Professor. 5ª ed., Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2005.

GAMA, Flausino José. **Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos**. Rio de Janeiro: Acervo do INES, 1875.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.), **O Português AfroBrasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATUZAWA, Flavia Lumi *et all*. Educação de Surdos do Curso de Pedagogia a Distância da UDESC: uma experiência da integração de equipes no uso do ambiente virtual de aprendizagem. **IX Workshop de Informática na Escola** – WIW – 2003.

QUADROS; Ronice Müller de; PIZZIO; Aline. Lemos. Aquisição da Língua de Sinais Brasileira: constituição e transcrição dos *corpora*. In: H. SALLES (Org). **Bilinguismo e Surdez**. Questões lingüísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, \_ano\_.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITT, Deonísio. **Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

TAUB, Sarah F. Language from the Body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Volume 38, Cambridge University Press, 2001.